

1 Introdução

Grandes e rápidas têm sido as mudanças que hoje se verificam em todo o mundo. O Brasil tem vivenciado isto de maneira muito intensa por meio de grandes transformações sociais, políticas, econômicas, tecnológicas, culturais e institucionais que se implementam no contexto da globalização. Conceitos tradicionais, tais como o de ordem, autoridade e papéis sociais passam por uma significativa remodelagem. Isto tem gerado e alimentado tanto movimentos sociais quanto mudança de mentalidade nos indivíduos. Essas mudanças se fazem sentir nas diferentes instituições sociais, transformando comportamentos, crenças, valores e opiniões dos seus integrantes.

Conforme assevera Manuel Castells, o final do século passado foi marcado por acontecimentos que promoveram profundas transformações no cenário social da vida humana. As tecnologias da informação engendraram uma acelerada revolução tecnológica remodeladora de toda a base material da sociedade. O capitalismo, assim, é alvo de uma marcante reorganização em que se destacam a flexibilidade de gerenciamento; a descentralização das empresas e instituições, que passam a se organizar em redes tanto internamente quanto nas suas relações com outras empresas e instituições; a entrada em larga escala da mulher no mercado de trabalho remunerado; o declínio do estado de bem-estar social (1999, p. 39-40).

As mudanças sociais acompanharam a intensidade e a velocidade das transformações tecnológicas e econômicas que se têm operado. As alterações observadas na condição da mulher têm promovido um predomínio de disputas entre os sexos. A preocupação com as questões ambientais floresce nas instituições públicas, determinando-lhes mudanças de posturas nas suas ações e mesmo filosofias; os sistemas políticos enfrentam uma crise de legitimidade, frequentemente mergulhados em escândalos sob forte pressão dos meios de comunicação de massa e da opinião pública. Observa-se, portanto, que a sociedade vive um tempo caracterizado por uma profunda desestruturação das organizações e deslegitimação das instituições, se constituindo a busca da

identidade, em especial a religiosa e a étnica, o fundamento da significação social (CASTELLS, 1999, p. 40-41).

A ordem estabelecida, tradicional e conservadora, tem sido abalada nos seus alicerces e a autoridade instituída criticada nas suas ações e posicionamentos. Não só a autoridade legalmente instituída, mas as lideranças de uma maneira geral, pessoas comuns que assumem ou são colocadas em posições sociais de influência sobre grupos, mesmo que locais e pequenos. Os próprios papéis sociais tradicionais estão sendo questionados. Grupos minoritários têm lutado por privilégios. Instituições tradicionais como a Justiça e a Imprensa têm se posicionado frente a muitas dessas lutas de maneira a transformar profundamente posturas sociais outrora consideradas consolidadas, podendo-se citar como exemplo as ações afirmativas em defesa de interesses de pequenos grupos. Vê-se aí um redirecionamento na influência da opinião pública.

Alguns efeitos das mudanças que se efetivam fruto do processo de globalização são merecedores de consideração no que respeita à remodelagem de conceitos como o de ordem estabelecida, autoridade instituída, liderança social ou simplesmente papéis sociais tradicionais. Pode-se citar alguns exemplos, como a democratização das relações no âmbito do convívio social; o sentimento de igualdade que se tem disseminado pela sociedade, mesmo que apenas formal; o despertar do anseio por maiores direitos e liberdades individuais, políticos e sociais; um acesso mais fácil às instituições da Justiça e com isso uma jurisdicização de uma parcela cada vez maior das relações sociais, que acabam se transformando em relações jurídicas; uma necessidade crescente de racionalização formal das ações e posturas sociais, mesmo que apenas superficial e por isso inconsistente e, assim, irresistível a um maior aprofundamento; entre outros no mesmo sentido.

Neste contexto, encontra-se o Exército Brasileiro como uma instituição pública nacional, regular, permanente e secular, que tem por primordiais valores os princípios da hierarquia e da disciplina e que dignifica em alto grau o significado tradicional de conceitos como os de autoridade e ordem, tendo bem traçados os contornos dos papéis sociais desempenhados pelos indivíduos. Princípios estes que se constituem de maneira expressa nos principais fundamentos da Instituição, motivo de orgulho para seus integrantes, o que pode ser constatado por meio da sua contínua publicização dentro dos quartéis.

Instituição que prima pelo conservadorismo, pela austeridade e pelo rigor no trato com seus valores e tradições, preservados com todo o cuidado e esmero no dia-a-dia das suas práticas institucionais.

Estas características se refletem, externamente, no posicionamento da Instituição diante da sociedade e na sua relação com os demais órgãos do Estado, organizações privadas e com o próprio cidadão e, internamente, no trato, como instituição, com seus integrantes e nas relações intersubjetivas desenvolvidas por eles, o que estabelece e desenvolve a ambiência social do trabalho, influenciando decisivamente na composição da Instituição.

O termo “relações intersubjetivas”, no contexto do presente trabalho, será empregado no mesmo sentido em que serão utilizadas as expressões “relações interpessoais” ou “relações pessoais”. Quer dizer, estas expressões referem-se às relações sociais que se operam entre as pessoas que integram um grupo social qualquer dentro do universo objeto desta pesquisa, podendo dizer respeito tanto a grandes grupos, tal qual a própria Instituição Exército Brasileiro como um todo, quanto a grupos internos a ela, como uma pequena equipe de trabalho.

Bem por isso, a pergunta geral que se pretende responder no presente trabalho pode ser assim formulada: *“Como se manifestam, nas relações intersubjetivas do dia-a-dia da vida dos militares do Exército Brasileiro, os processos de socialização da Instituição e seus contínuos reforços?”*

Essa pergunta pode ficar mais clara a partir da assertiva de José Ortega y Gasset de que “Toda coisa visível parece, como tal, simples máscara aparente de uma força latente que a produz constantemente e que é sua verdadeira realidade.”, pois “É onde a força, a *dynamis*, atua unitariamente que *há* real unidade, embora a nossos olhos apareçam como manifestação dela só coisas diversas.” (2006, p. 23).

Pergunta que pode, por isso, ser melhor desenvolvida por meio das seguintes indagações: *“Que atitudes e comportamentos tidos como ideais para o militar evidenciam-se nas relações intersubjetivas?”*; *“Que significados embutidos nas dinâmicas das relações intersubjetivas podem ser identificados?”* e *“Qual o grau e a qualidade de fechamento institucional promovido por meio das relações intersubjetivas e por que movimentos é este fechamento operado?”*

Anthony Giddens nota que, de tão marcante, poucas pessoas no mundo não têm consciência de que suas atividades cotidianas sejam profundamente influenciadas, e até mesmo determinadas, por acontecimentos ocorridos em escala

global ou organizações mundiais, distantes da vida pessoal local. Mas adverte que o reverso da medalha também é um fato constatável: as ações cotidianas de cada pessoa produzem consequências globais. Estas duas esferas, que se relacionam intimamente e chegam mesmo a se completar e a se exigirem mutuamente, compõem a principal agenda das grandes transformações sociais verificadas especialmente do final do século passado para cá (BECK *et al*, 1997, p. 74-75).

Assim, essas transformações e seus efeitos podem, com o tempo, mesmo que lentamente, promover mudanças no âmbito de instituições tradicionais calcadas em sistemas hierárquicos. Mas é natural e esperado que instituições tradicionais e conservadoras reajam às mudanças na tentativa da manutenção de seu *statu quo ante*, normalmente desenvolvido e consolidado ao longo de lapsos de tempo muito extensos, constituído por e constituinte de arraigados valores da instituição e de seus integrantes. Valores que definem ações e posturas conservadoras e tradicionais esperadas e desejadas não só pelas instituições e seus integrantes, mas pela própria sociedade para aquela instituição em específico ainda hoje.

Mas há que se observar que o sentimento de certeza, a existência de um mundo virtualmente estático no qual as pessoas desde o seu nascimento podiam vislumbrar um itinerário quase que completo pelo qual seguiriam suas trajetórias de vida, com instituições sociais solidamente definidas, previsíveis e estáveis é coisa da pré-modernidade, conforme ensina Zygmunt Bauman (1998, p. 219). A modernidade ainda se concretiza num tempo-espaco firme, sólido, durável, traduzindo-se num mundo estruturado, coerente, onde cada pessoa, na sua luta pela vida podia seguir passo a passo por uma estrada que possibilitava a construção da vida da base para cima, dos alicerces para o telhado, visualizando-se ou mesmo se constituindo um projeto de vida (1998, p. 110-111).

A pós-modernidade, isto é, o final do Século XX, vê uma subversão em tudo isso. As regras não param de mudar a cada instante, deixando de existir mesmo antes de se fixarem. As estratégias devem ser de curto alcance, conforme explica Bauman, devendo-se

tomar cuidado com os compromissos a longo prazo. Recusar-se a ‘se fixar’ de uma ou de outra forma. Não se prender a um lugar, por mais agradável que a escala presente possa parecer. Não se ligar a vida a uma vocação apenas. Não jurar coerência e lealdade a nada ou a ninguém. Não *controlar* o futuro, mas *se recusar a empenhá-lo*: tomar cuidado para que as consequências do jogo não sobrevivam ao próprio jogo e para renunciar à responsabilidade pelo que produzam tais

consequências. Proibir o passado de se relacionar com o presente. Em suma, cortar o presente nas duas extremidades, separar o presente da história. Abolir o tempo em qualquer outra forma que não a de um ajuntamento solto, ou uma sequência arbitrária, de momentos presentes: aplanar o fluxo do tempo num *presente contínuo*. (1998, p. 113)

Ainda observa o citado sociólogo que o final do Século XX se caracteriza pela ausência de garantias e inexistência de posições seguras, onde carreiras promissoras inesperada e subitamente se revelam vias suicidas: “Meio de vida, posição social, reconhecimento da utilidade e merecimento da auto-estima podem todos desvanecer-se simultaneamente da noite para o dia e sem se perceber.” (BAUMAN, 1998, p. 35)

Assim, de um lado, verifica-se a situação dos indivíduos que integram uma sociedade em transformação de onde emergem novos valores fundamentados em sentimentos de igualdade geradores de anseios por direitos e liberdades cada vez maiores e mais profundos, ansiosos pela efetivação prática desses valores nas questões do dia-a-dia, mormente os que produzam reflexos sociais, ainda que somente para pequenos grupos. Mentalidade também em transformação destes indivíduos que integram e irão integrar a Instituição, principalmente os mais jovens, oriundos de todas as classes, raças e regiões; brasileiros e brasileiras que transitam pela sociedade de maneira muito mais desenvolvida que as gerações mais antigas, encontrando-se impregnados dos valores, crenças e conceitos dos novos tempos.

Por outro lado, encontra-se o Exército Brasileiro, instituição pública que desenvolveu ao longo de muitas décadas uma profunda e complexa cultura institucional, arraigados valores próprios e uma intrincada estrutura organizacional. É conservador, tradicional, hermético, austero, reservado e avesso a investigações, tornando-se desconhecido da sociedade e poder-se-ia dizer que até dele próprio, haja vista não haver registro de uma pesquisa interna que tenha investigado a fundo seus valores, suas crenças, posicionamentos, atitudes, comportamentos, sentimentos e, o que tem igual ou mesmo maior peso e importância, os de seus integrantes, a fim de se verificar o que se passa no seu interior “não oficial”, isto é, aquilo que não é definido pela legislação, pelos regulamentos, manuais, portarias ou diretrizes de comando, mas que se passa nos corações e nas mentes dos militares, homens e mulheres que fazem esta instituição, que são socializados nela e por ela, mas que também estão

impregnados dos valores da sociedade brasileira, porquanto vivem e experimentam no âmbito de suas famílias, de suas escolas, condomínios, clubes, igrejas e amigos, as euforias e as angústias, as tristezas e as alegrias, as realizações e as frustrações, os conflitos e os ajustes, as certezas e as dúvidas de todo brasileiro e de toda brasileira, com seus problemas e suas soluções, dentro da maneira própria, diferenciada e única de ser do povo brasileiro.

Marshall Berman entende que o modernismo do Século XX, qualificado por outros autores como pós-modernismo, se distingue do modernismo dos quatro séculos que o precederam por se configurar num perpétuo estado de vir-a-ser. Qualifica, assim, essa fase mais recente, pelo nome de “modernização”. Este é um tempo que ameaça destruir tudo o que se tem, o que se conhece e o que se é. Um turbilhão mesclado por euforia, aventura, transformação do que se vê em derredor e autotransformação e por isso mesmo em permanente movimento, desintegração, metamorfose, contradição, luta, ambiguidade, angústia... Assim, pergunta: que espécie de pessoas pode produzir essa contínua revolução sem precedentes? E responde: pessoas que para sobreviver necessitam assumir a fluidez dessa sociedade de forma aberta, que não somente estejam em condições de sofrer grandes mudanças em suas vidas pessoais e sociais, mas que aspirem a elas efetivamente e as busquem de maneira ativa. Esquecidas da nostalgia das relações fixas e imobilizadas do passado, precisam se deliciar na mobilidade e se empenhar na renovação, olhando sempre para os futuros desenvolvimentos em suas condições de vida (1986, p. 15-16, 94).

Assim, há, de um lado, uma instituição tradicional e conservadora, fundamentada nos princípios da hierarquia e da disciplina, que tem como alto valor o conceito de autoridade e bem definidos os contornos dos papéis sociais a serem desempenhados por cada indivíduo, e, de outro, uma sociedade em franco movimento que sofre grandes e rápidas transformações nos seus conceitos e valores e de onde emerge, contudo nela permanecendo imerso, o indivíduo que integra e faz a Instituição. Pode-se, por meio de um paralelismo, entender que este confronto de realidades distintas

nos remete à natureza híbrida das instituições públicas brasileiras, divididas entre suas origens ibéricas vocacionadas para o controle político e corporativo de seus aliados e uma outra vocação, mais universal, advinda de seu contato com os temas da Modernidade, proveniente, sobretudo, dos países da Europa Ocidental e dos Estados Unidos. (RAPOSO, 2011, p. 36)

Eduardo Raposo explica que esse hibridismo tradicional das instituições públicas brasileiras pressupõe uma dupla vocação, de um lado uma vocação política de natureza corporativa que tende à manutenção de grupos que deem respaldo a um projeto institucional de poder e de outro uma vocação mais abrangente e menos definida, fragmentada e pouco organizada politicamente (2011, p. 53).

O paralelismo proposto pode ser entrevisto pela contraposição destas duas vocações antagônicas das instituições públicas brasileiras identificadas e definidas por Eduardo Raposo frente às duas realidades adversas vivenciadas pelos integrantes do Exército Brasileiro: uma interna à Instituição, com inclinação ao fechamento, organizada e dotada de fortes meios institucionais de conformação de mentalidade e comportamento, e outra externa, afeta à inserção do militar na sociedade mais ampla, com pendor à abertura, porém imprecisa, não estruturada e prolixa, mas ainda assim uma força real clamando por reconhecimento, alimentada nas efervescências do mundo pós-moderno.

David Harvey busca apreender uma faceta da substância do modernismo e do pós-modernismo, contrastando-as, por meio da comparação de construções e paisagens urbanas características de cada uma dessas fases da caminhada humana na história das sociedades. Pode-se observar marcas diferenciadoras que bem qualificam cada uma delas e se ter uma ideia de quão acentuadas são as transformações que se operam no seio da sociedade.

Afirma o citado autor que os arquitetos da modernidade buscam o ânimo da metrópole como totalidade, através de formas fechadas, ao passo que os pós-modernistas projetam o processo urbano de maneira um tanto quanto caótico e incontrolável, refletindo situações inteiramente abertas, onde impera a anarquia e o acaso. Assim, o pós-modernismo significa absoluta conformação ao efêmero, ao fragmentário, ao descontínuo e ao caótico, opondo-se aos elementos constituintes e definidores de um passado estável, elementos outrora considerados eternos, imutáveis, transcendentais, isto é, reflexos claros de valores válidos para todas as épocas e civilizações. Manifestações de uma verdade indelével que não tem mais sido apreendida. O produtivo hoje não é o sedentário, mas o nômade; não o imperativo categórico, mas a dialética; não a segurança das relações e das situações, mas sua intensa dinâmica transformadora (HARVEY, 1992, p. 49).

Deste confronto surge o problema objeto deste trabalho: como se dá o embate entre estas duas realidades que se chocam e que se transformam em contato com este novo mundo em ebulição? Por que processos o indivíduo oriundo e partícipe de uma sociedade em vultosa e rápida transformação se adequa a uma instituição que prima pela preservação? Por que meios as atitudes, os comportamentos, os valores, as crenças, as opiniões, os sentimentos e as percepções institucionais são apropriados pelos seus integrantes ou neles introjetados, desenvolvidos, reforçados e conservados? Como reagem eles a isso?

O caminho que se buscará seguir na tentativa de trazer luz à essa questão, isto é, a metodologia empregada no esforço deste trabalho de desvelamento das questões ora propostas, será o da observação participativa, instrumento por meio do qual se pretende analisar as relações intersubjetivas que se verificam no interior da Instituição e descobrir seus significados mais profundos.

A metodologia empregada no desenvolvimento de todo o trabalho, isto é, a observação participativa, se explica no fato de que o autor é oficial de carreira do Exército Brasileiro. Com efeito, ingressou nas fileiras do Exército já em curso destinado à formação do oficial, na Escola Preparatória de Cadetes do Exército – EsPCEx –, Campinas-SP, para a realização do ensino médio, em 1983, com 15 anos de idade. Após os três anos ali cursados em regime de internato, já na condição de militar, prosseguiu sua formação na Academia Militar das Agulhas Negras – AMAN –, Resende-RJ, única escola de ensino superior formadora do oficial de carreira da linha de ensino militar bélico do Exército Brasileiro; isto é, o oficial combatente, operacional, que atua na atividade fim da Instituição e que é preparado, ao longo de toda a sua vida, para ocupar as funções-chave da Instituição e atingir seus postos mais elevados. Formou-se na Academia em 1989, na Arma de Cavalaria, atingindo, em 2010, o posto de tenente-coronel. Em 2011, por ter completado seu tempo mínimo de permanência na ativa, foi transferido, a pedido, para a reserva remunerada. Desenvolveu, dessa forma, ao longo da sua vida, a carreira do oficial do Exército Brasileiro formado pela Academia Militar das Agulhas Negras, galgando os postos da carreira e servindo em diversas Organizações Militares de quatro regiões do país, a saber, regiões Sudeste, Norte, Nordeste e Sul.

A trajetória de vida e a experiência do autor na Instituição objeto da presente pesquisa foi, dessa forma, fundamental na determinação da metodologia

empregada no presente trabalho, isto é, a observação participativa, instrumento por meio do qual serão analisadas as relações pessoais dos militares do Exército Brasileiro que se desenvolvem no dia-a-dia, relações triviais e comuns, mas passíveis de revelar na sua simplicidade aquilo que as fundamenta. Por meio destas relações cotidianas dos militares entre si, quer sejam iguais quer sejam de níveis hierárquicos distintos, observando-se em ambas as situações os jogos de poder em campo, buscar-se-á identificar por que processos, formais ou informais, os indivíduos-cidadãos são socializados e têm reforçada, diariamente, essa socialização na e pela Instituição.

Assim, buscar-se-á trazer luz a significados que possam estar embutidos nas posturas, ações e reações dos agentes manifestas na rotina das relações intersubjetivas da vida militar. Significados estes que tanto podem revelar formas sutis ou mesmo evidentes de socialização e reforços desta socialização ao meio através da dinâmica destas relações quanto podem aclarar acerca das atitudes, comportamentos, valores, crenças, opiniões, sentimentos e percepções considerados, pela Instituição e pelos seus integrantes, desejáveis ou até mesmo essenciais na conformação do caráter do militar.

Para se atingir os objetivos propostos, efetuou-se, como já esclarecido, por meio de uma metodologia fundamentada na observação participativa, um estudo da ritualística militar através de duas formas pelas quais ela normalmente se manifesta no dia-a-dia da vida na caserna, isto é, através dos (i) *rituais e cerimônias formais* e dos (ii) *eventos ou acontecimentos informais* que usualmente ocorrem na rotina do Exército Brasileiro.

No primeiro caso, isto é, no que se refere aos (i) *rituais e cerimônias formais*, isto foi feito não somente pelos manuais e portarias que os regulam, mas sobretudo pela forma como se concretizam, se realizam e ganham vida no dia-a-dia. Assim, foram analisadas cerimônias habituais da ritualística militar, observados procedimentos referentes à avaliação do militar por seu comandante, questões da valorização do mérito do oficial e da sistemática de promoções. Atividades, frise-se, expressamente previstas e minuciosamente detalhadas nos regulamentos, mas aqui observadas no cotidiano, na sua manifestação concreta e real.

Giddens explica que para se compreender o significado de uma sociedade pós-tradicional, como a que hoje se configura, é necessário considerar o conceito

de tradição. A tradição é uma orientação para o passado, de maneira que o passado tenha uma pesada influência sobre o presente. A tradição se constitui pela repetição ao longo do tempo, o que dá origem ao ritual. A tradição, assim, se mantém por meio do ritual, sendo este um meio prático de garantir a preservação. A “linguagem ritual é performativa, e às vezes pode conter palavras ou práticas que os falantes ou os ouvintes mal conseguem compreender.” (BECK *et al*, 1997, p. 80-83). Mas, mesmo que obscuros, os rituais estão carregados de significados que implicam numa imposição prática de crenças, valores, opiniões e sentimentos.

No segundo caso, foram analisados (ii) *eventos ou acontecimentos informais* que podem ser observados nas atividades sociais; nas conversas de rotina; nos alojamentos; nas seções; após o horário de expediente, inclusive já sem estar trajando a farda; nas falas de despedida, que podem ser muito reveladoras; nas conversas entre superiores e subordinados e entre pares, principalmente nos momentos de enquadramento mais sutis e aparentemente superficiais, com ênfase para as posturas, as atitudes e os comportamentos que manifestam relações de poder, próprios de ambientes hierárquicos e que por isso mesmo afloram a todo instante por meio de detalhes por vezes quase imperceptíveis, ocorrendo mesmo nas relações entre pares, especialmente em momentos de conflito ou tensão, que continuamente evidenciam os pilares fundamentais da Instituição, a hierarquia e a disciplina. Ou seja, toda e qualquer manifestação que possa ser captada nas relações intersubjetivas dos militares passíveis de revelar valores e caracteres institucionais.

Entende-se que tanto por estes quanto por aqueles meios, isto é, tanto por (i) *rituais ou cerimônias formais* quanto por (ii) *eventos ou acontecimentos informais* da vida militar, será apresentada uma pesquisa calcada nas dinâmicas das relações intersubjetivas, a partir da qual se pôde verificar aspectos referentes às atitudes, comportamentos, valores, crenças, opiniões, sentimentos e percepções dos militares; clarificar significados embutidos nas dinâmicas das relações intersubjetivas; e aclarar pontos relativos ao grau e à qualidade do fechamento da Instituição face à sua inserção em uma sociedade mais ampla. Temas considerados reveladores na tentativa de desvelamento dos processos de socialização e de seus contínuos reforços verificados nas relações intersubjetivas recorrentes no interior do Exército Brasileiro entre seus integrantes.

Dessa forma, o conteúdo do presente trabalho foi organizado em dois capítulos. O primeiro deles abre a pesquisa apresentando um referencial teórico que fundamenta os aspectos a serem abordados no objeto da pesquisa, conforme já esclarecido, as relações intersubjetivas recorrentes no interior do Exército Brasileiro e seus efeitos de socialização e contínuos reforços dessa socialização, com ênfase no universo formado pelos oficiais oriundos da Academia Militar das Agulhas Negras – AMAN. Assim, este capítulo discorre sobre três conceitos centrais que permeiam e fundamentam todo este trabalho: o *poder simbólico* de Peirre Bourdieu, os *corpos dóceis* de Michel Foucault e as *instituições totais* de Erving Goffman.

O segundo capítulo está dividido em cinco seções. A primeira seção trata justamente do poder simbólico que fundamenta as relações intersubjetivas mais triviais recorrentes no interior de uma instituição calcada na hierarquia e na disciplina, mas que, contudo, mune seus integrantes, pelo menos os aqui tomados, senão exclusiva, prioritariamente como universo objeto da pesquisa, como já se sabe, os oficiais oriundos da Academia Militar das Agulhas Negras – AMAN –, de duas realidades inter-relacionadas que poderiam anular os principais efeitos disciplinares e hierarquizantes, que por isso mesmo se sustentam neste tipo de poder eminentemente simbólico: a *estabilidade* e a *previsibilidade* na carreira, nas circunstâncias e na situação prática do oficial e do sargento de carreira.

Essas realidades, conforme se verá, dentro de uma instituição profundamente disciplinada e hierarquizada, geram a necessidade de emergência de mecanismos alicerçados em capital simbólico amplamente disseminado na ambiência de seus integrantes e por eles apropriado sem que percebam conscientemente da sua existência, da sua interiorização e do seu desenvolvimento, e, principalmente, dos efeitos que promovem.

A segunda seção busca trazer luz aos significados que não se mostram à superfície, mas que invariavelmente se encontram envoltos nos rituais e nas cerimônias da rotina militar. São aqui analisadas duas cerimônias corriqueiras da vida na caserna cujos procedimentos são do conhecimento de todos os envolvidos, que os realizam de maneira praticamente autômata e inconsciente. A primeira diz respeito à cerimônia de recepção de um novo oficial que se apresenta pronto para o serviço em uma Organização Militar, isto é, a cerimônia de introdução de um

novo militar em um grupo social já formado, e a segunda refere-se a uma formatura semanal da tropa para o seu comandante.

Busca-se, por meio dessas cerimônias, esclarecer acerca de atitudes e comportamentos tidos como ideais para o militar e dos significados que possam estar embutidos na dinâmica que as orienta. Atitudes e comportamentos que melhor se evidenciam, como se verá, por serem continuamente reforçados através dos procedimentos de atividades que não se realizam diariamente nem tampouco por isso caracterizadas como excepcionais, haja vista ostentarem uma frequência que podem qualifica-las como corriqueiras na vida da caserna, mas que, entretanto, quebram a rotina do dia-a-dia, permitindo que transpareça ações e posturas que não se evidenciariam quer fossem da rotina diária quer fossem excepcionais.

Esta segunda seção procura superar a cerimônia propriamente dita ao observar o rito, que tem seu prólogo em momento anterior ao início da atividade e que se prolonga após o seu encerramento, isto é, já na expectativa da sua realização e durante a sua preparação e nas consequências promovidas pela sua execução. Assim, toma-se por cerimônia a atividade propriamente dita, que para ambos os casos em análise tem início com a chegada do comandante ao local da sua realização e se encerra com a sua retirada, e por rito todas as circunstâncias, situações, ações e posturas geradas em função da realização da cerimônia, mas que têm existência em oportunidades anteriores ou posteriores à cerimônia propriamente dita. Observa-se, assim, que para os fins deste trabalho, o rito é mais amplo que a cerimônia, englobando-a.

A terceira seção versa sobre procedimentos de individualização do oficial provenientes do processo de burocratização do Exército tendente a torná-lo mais apto a se estabelecer como uma instituição pública melhor adequada à sociedade que se moderniza, proveniente ao mesmo tempo que geradora das grandes transformações sociais, políticas, econômicas, tecnológicas e culturais que se têm verificado.

Procurou-se analisar os procedimentos que individualizam o oficial, a saber, a valorização do mérito, a avaliação do seu desempenho profissional e a sistemática de promoções sob o enfoque dos seus efeitos no enquadramento do militar e as consequências disto tanto para ele quanto para a Instituição, quando pôde-se constatar a centralização que estes procedimentos orientam na pessoa do comandante.

A quarta seção busca trabalhar o significado do Exército para o militar seu integrante, como este se posiciona frente àquele e como é por ele englobado, isto é, o que representa a Instituição na sua vida e como nela está inserido, referenciado sempre à sua inserção também em uma sociedade mais ampla. Busca-se esclarecer aqui acerca do posicionamento desejável para o militar diante do Exército e, em função deste posicionamento, da sua inserção na sociedade mais ampla como militar e cidadão. Aqui se analisa o grau e a qualidade de fechamento da Instituição em relação à sociedade mais ampla através das características das relações intersubjetivas que se desenvolvem no interior do Exército e suas consequências para a Instituição e para o seu integrante.

Por fim, a quinta e última seção fecha a presente pesquisa resgatando o tema da primeira seção. Busca-se elaborar, após um périplo pelos diversos assuntos do tema estudado, um esboço de conclusão acerca da linguagem, e de seus significados subjacentes, do grupo social sobre o qual se realiza a pesquisa. O referencial teórico aqui adotado é o capital simbólico de Bourdieu, onde se procura explorar os conceitos de poder simbólico, *habitus*, campo, e, pensando relacionamente como ensina o referido autor, realizar uma apropriação ativa de seu modo de pensamento científico por meio de homologias que possam ser identificadas entre os campos, tomando-se por base seu trabalho sobre os elementos para uma sociologia do campo jurídico, na tentativa de um maior desvelamento do campo militar.

Estes foram os meios pelos quais se buscou trazer luz sobre o desenvolvimento dos processos de socialização e de seus contínuos reforços que podem ser extraídos das relações intersubjetivas operadas no interior do Exército Brasileiro. Assim, dá-se início à presente pesquisa apresentando-se no primeiro capítulo o referencial teórico e os conceitos centrais que fundamentam todo o trabalho: o *poder simbólico* de Peirre Bourdieu, os *corpos dóceis* de Michel Foucault e as *instituições totais* de Erving Goffman.